

# FREITAS, Marcus. *Peixe morto*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

*Maria Amélia Dalvi*

Universidade Federal de Minas Gerais

O romance *Peixe morto*, de Marcus Freitas, premiado pelo Programa Petrobrás Cultural, em 2007, e selecionado pelo Prêmio São Paulo de Literatura na categoria “autor estreante”, em 2008, insere-se e dista da tradição brasileira – já substanciosa em uma relativamente breve história literária – do romance policial. Para além da prosa fluente e ágil e da presença óbvia das cenas de sedução, traição e sexo (envolvendo, como é previsível, uma jovem mulher sedutora, um asqueroso marido empresário e um narrador ora ingênuo ora malicioso que se põe entre ambos), o texto prima pela evidência e pela sutileza da pista linguística que permita, à frente, que o leitor feche o quebra-cabeça proposto; no entanto, os remates intertextuais (ressalte-se,

por exemplo, o diálogo estrutural e temático inegável com *Bufo & Spallanzani*, de Rubem Fonseca), os jogos sonoros, métricos e rítmicos das frases e a estrutura polifônica não deixam que um leitor se contente, apenas, em preocupar-se com o mistério que ronda a morte – de praxe, no gênero – ostentada já no primeiro parágrafo do livro.

Talvez, esse cuidado com o texto seja tributável aos dotes de poeta do autor, que houve por bem assinar parte de sua produção como Marcus Bacamarte e, ainda, como Marcus Vinicius de Freitas. Aquele que quiser conferir seus “antecedentes criminais”, como cultor da língua em verso, não perde em ler a primorosa coletânea *No verso dessa canoa* (2005), lançada pelo também excelente poeta e refinadíssimo editor Miguel

Marvilla, recentemente falecido. O que há de comum na produção em verso e neste romance, *Peixe morto*, para além de possíveis aproximações formais, é a presença constante do elemento água e de toda uma ambiência praiana. Não se engane o leitor: mineiro, o autor não se ocupa privilegiadamente de nosso litoral, mas dos remansos e margens de lagoas e rios.

*Peixe morto* dá a ver um tanto de pesquisa. Inúmeras informações – a que o leitor não pode se dar o luxo de encampar ou rechaçar a autenticidade, mas apenas de aceitar como parte do pacto ficcional – são espargidas pelas páginas do romance: história da ciência, taxidermia, morfologia animal, ictiologia, geografia, climatologia e hidrografia do estado de Minas Gerais, o traçado urbanístico-arquitetônico de Belo Horizonte e, especialmente, do bairro da Pampulha. No entanto, se se pensa que o rol de assuntos abordados ou tangenciados esgota-se em aspectos físicos ou materiais, propriamente ditos, há engano: o autor aborda ainda traços e ranços da história nacional, como a política de coronéis (mesmo que “urbani-zados”), o patriarcalismo (explícito nas relações quase todas

entre homens e mulheres), a opressão dos pobres e o consequente medo destes em lidar com os aparelhos de Estado, mesmo quando inocentes (como se vê na reação do pescador domin-gueiro frente ao achamento do cadáver na lagoa da Pampulha), as barganhas e trocas de favor (como, por exemplo, nas relações entre o deputado Severiano Almeida e o empresário Ascânio Guedes; entre a sedutora e misteriosa Elisa e seu professor e amante João; entre Elisa e seu confidente, o psicanalista e *marchand* Jacó Filogoni; entre o empregado protegido, Alceu, e o patrão exportador de peixes, Guedes) e a apropriação de discursos da moda para fins escusos (como o ambientalismo oportunista do projeto Tilápia Viva).

O livro aborda, também, o sexismo, a neurose, a lealdade e a solidão de um professor universitário de história que é também aquario-filista – tão ambivalente, quanto verossímil; o instinto de sobrevivência, a ambiguidade moral e o oportunismo de mulheres jovens e bonitas como uma prostituta de luxo, a divertida Verinha, e uma esposa infiel, a melíflua e milionária Elisa Guedes; a vaidade intelectual,

a sedução semidespretensiosa, os ciúmes, e certo anacronismo *hippie-démodé* de Eliana, comerciante graduada em História, natureba e fumante; o rigor intelectual, a militância, a ingenuidade e o faro apurado, para identificar sordidezes e problemas, do biólogo Pacheco; a aura de respeitabilidade acadêmica que se põe a serviço do apelo capital, numa opção consciente por acender uma vela ao diabo e outra a deus, do cirurgião buco-maxilo-facial dr. Veloso; a homossexualidade envergonhada, tolhida pela vigilância materna de Wellerson, etc.

Outros temas que perpassam o livro são a história e o valor da (obra de) arte e sua transformação em produto comercial, de potencial econômico. Por exemplo, quando se certifica – com muito amadorismo – a autenticidade das aquarelas de Burkhardt, a preocupação primeira, inclusive dos principais especialistas no assunto, João e Jacó, é quantificar seu valor de mercado; ou quando se discute o papel narrativo das reproduções das mesmas aquarelas jogadas por debaixo da porta de nosso narrador, a fim de incriminá-lo no assassinato de Guedes, o gesto do delegado tão

esperto quanto atlético é tomá-las (apenas) como pista criminal. E aqui é impossível não pensar na indústria cultural e na reificação, de Theodor Adorno & Max Horkheimer, na aura, de Walter Benjamin, ou na apropriação burguesa do potencial subversor da obra de arte, de Herbert Marcuse. Sintomática também da discussão que subjaz ao livro, ora apontada, é a indiferenciação das aquarelas seja por seu valor para a história da ciência, seja para a arte – rasurando-se, assim, limites que na contemporaneidade soam até ridículos se demarcados em tintas fortes.

Por fim, o grau de argúcia com que o autor tramou e amarrou cada capítulo se desvela na escolha por alternar entre gêneros literários, como a carta, o diário, o relato de viagem, o delírio verborrágico, e entre vozes distintas, que se marcam tanto pela assinatura quanto pela sintaxe – o acabamento textual é primoroso. Além disso, a despeito do vai-e-vem cronológico, que poderia deixar perdido o leitor menos atilado com a fragmentação contemporânea do enredo, a não-linearidade é um valor auto-irônico: as cartas de Agassiz para Vossa

Majestade, de George Sceva para Hannah, de Agassiz para Edwards, de William James para Alice, além do delírio de Sceva e das confissões de seu diário íntimo revelam que os dilemas (intelectuais e subjetivos) inseultos do século XIX atravessam

nossa carne, recendendo ainda hoje, em pleno século XXI – expondo-nos, como o cadáver mote para a trama policial, despídos de toda pretensa visceralidade existencial ou literária.